

CRÓNICA 149 DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA, 16/6/2015

CRISTÓVÃO DE AGUIAR UMA CRÓNICA AMARGA (DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA). **CRISTÓVÃO DE AGUIAR: UMA VERGONHA PONTA DELGADA**

Em 15/6/2015 na apresentação, pela diretora da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e pelo Dr Carlos Riley da Universidade dos Açores, dos dois primeiros volumes das obras completas de Cristóvão de Aguiar (50 anos de vida literária) éramos 10 na assistência e 2 eram do governo...

Sei que ainda há um mês houve uma sessão de homenagem (18 de abril na Casa Museu Guerra Junqueiro, no Porto), em colaboração com a casa dos Açores do Norte e com o Departamento de Letras da Universidade do Minho onde lançaste nessa data a tua *Obra Completa*, composta por 13 volumes, a cargo das Edições Afrontamento, do Porto, que ganharam o concurso lançado pelo Governo Regional dos Açores

Sei que tu, um dos dois insignes autores do Pico da Pedra, tens fama de ser um autor difícil. Claro que és, pois poucos dominam a língua portuguesa como tu, poucos burilam a palavra até à exaustão e perfeição como insistes em fazer. Sei que a maioria das pessoas - embora possa saber cantarolar a popular *Naufrágio*¹ imortalizada por Duarte e Ciríaco - desconhece que a clássica letra dessa canção universal é bem tua.

Cristóvão de Aguiar, já o disse e escrevi, é um autor difícil e o seu mau feitio é conhecido. Claro que sim, frontal e crítico, não entrou, nem quis, em cliques, clagues ou pseudo-tertúlias de intelectuais açorianos. Radicado em Coimbra desde os anos de 1960, antes de ser incorporado no exército colonial português para ir para a Guiné e de terminar os seus estudos em Filologia Germânica, Cristóvão mudou-se para o Pico onde passa metade do ano. Em vez de voltar ao torrão natal de Pico da Pedra na ilha de S Miguel foi em 1996 para S. Miguel Arcanjo [Pico], onde é carinhosamente tratado pelos seus novos conterrâneos.

Mas depois de 15/6/2015, chocado e desiludido com Ponta Delgada estarei para sempre. Como se compreende que a oportunidade de terçar palavras com um dos mais importantes escritores dos Açores do século XX ficasse desaproveitada sem assistência nem interesse das pessoas da maior ilha do arquipélago? Como se entende que um dos mais ricos e prolíficos autores da verdadeira identidade dos Açores ficasse a celebrar os seus 50 anos de vida literária para uma plateia com uma mão cheia de presenças?

Claro está que depois, na tua morte, serás aclamado por todos e a TV e rádio estarão lá para falar bem do autor que como ficou demonstrado não é benquisto na sua terra. Pequenez de mentes. Insensibilidade, incultura. País pequeno de mentes pequenas, arquipélago ingrato a quem tanto fez para dar a conhecer a identidade açoriana e não o postal ilustrado que se vende aos turistas sobre hortênsias e lagoas...

1

<http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=25&cad=rja&uact=8&ved=0CDsOtrIwBDgUahUKEwiO16q1kZTGAhWE7RQKHZdpAsY&url=http%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3Duo5xbrMnA9A&ei=-AuAVY77JoTbU5fTibAM&usq=AFQjCNGZgyO2sLayAJbcvai-lMj58IJ1wg&bvm=bv.96041959.d.d24>

Não fiquei surpreendido mas fiquei esclarecido sobre o valor que este país dá a um dos seus mais representativos ícones literários...fosse ele um cantor pimba ou outra qualquer personalidade famosa pelos seus pés de barro de fama fácil e o anfiteatro seria pequeno.

Sou como tu Cristóvão, em muita coisa, mas ontem ao despedir-me rapidamente de ti, estava emocionado pela amizade que nos une e envergonhado dos meus concidadãos desta ilha que aceitei como nova pátria. Queria pedir-te desculpa em nome dos 68 748 habitantes de Ponta Delgada e dos restantes 137 699 cidadãos da ilha (Censo 2011), queria dizer-te que não é verdade, que há quem te leia e ama os teus escritos, mas não estavam lá para to demonstrar. Queria dizer-te que escreves melhor que muitos adulados, lisonjeados, sabujados, louvaminhados, engraxados, incensados, engomados, apajeados, bajulados, escribas de Portugal e do arquipélago mas só gerações futuras saberão reconhecer o teu valor. Queria dizer-te que mereces muitos dos prémios que são anualmente distribuídos embora deles não precises. Queria dizer-te que nos Colóquios da Lusofonia somos poucos mas muitos te apreciam e entendem, mas não estavam lá ontem para to demonstrarem. Queria dizer-te que o teu invejável percurso nestas cinco décadas de escrita não tem paralelo mas lá estaria eu a adjectivar-te e tu não gostas disso. Não faz mal, sem menosprezo dos restantes, há quem possa afirmar que és um dos mais notáveis escritores em português da segunda metade do século XX e que soubeste transmitir (mesmo negando a açorianidade) a verdadeira alma micaelense e quiçá açoriana. Bem hajas meu amigo pelos livros que nos deste e de que agora compilaram em Obras Completas estes dois volumes.

Segundo Mário Mesquita, **Cristóvão de Aguiar** é um dos principais responsáveis pela afirmação cultural dos Açores após o 25 de abril, e a citar outros, poderia ser fastidioso e repetir aqui o que teu amigo e companheiro de muitas lutas (Medeiros Ferreira) escreveu sobre a tua obra mas acabo de ler na Wikipédia

“Depois de Vitorino Nemésio, [Cristóvão de Aguiar] é considerado o maior escritor da literatura de autores açorianos e um dos de maior importância no panorama da Literatura Portuguesa contemporânea. Foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique em 2001 e homenageado pela Faculdade de Letras e Retórica da Universidade de Coimbra em 2005, por ocasião dos quarenta anos da sua vida literária, tendo sido publicado um livro, "Homenagem a Cristóvão de Aguiar", coordenado pela Prof.ª Doutora Ana Paula Arnaut, o qual contém a generalidade das críticas e ensaios publicados sobre a obra do autor durante a sua vida literária. A trilogia romanesca Raiz Comovida (1978-1981) é uma das suas obras mais importantes, a par com a trilogia Relação de Bordo (1999-2004), em 3 volumes, um dos mais interessantes diários da literatura portuguesa.”

A tua alma mater (Universidade de Coimbra) explica que

“[Cristóvão de Aguiar] ...tem-se revelado um escritor de mérito, a avaliar pelos prémios recebidos: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, pela "Raiz Comovida"; Grande Prémio da Literatura Biográfica APE, pela "Relação de Bordo" e o Prémio Nacional Miguel Torga, pelo livro "Trasfega".”

Para que não restem dúvidas foste um ilustre membro de uma “República de Estudantes de Coimbra” em cuja página² se pode ler:

A Real República Corsários das Ilhas foi fundada em 1960 por iniciativa de estudantes provenientes do arquipélago dos Açores. Nos seus 41 anos de viagens a «nau corsária» já albergou marinhagem que se mostrou distinta. A título de exemplo, cite-se o nome de Carlos Candal; o atual eurodeputado socialista era, em 1962, durante a grave crise que assolou a universidade, presidente da Associação Académica de Coimbra. Ainda, durante a crise académica de 1972, destaca-se Carlos Fraião; este antigo corsário foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Também Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos e Cristóvão de Aguiar, escritor, viveram nesta República.

*Por falar neste escritor, o **zé manuel** deixou um comentário na anterior versão desta página que reescreve um passo do Relação de Bordo (1964-1988), livro do referido Cristóvão de Aguiar, em que lança um olhar sobre as suas experiências nesta casa quando por cá passou nos anos 60:*

Coimbra, 1 de janeiro de 1964 – Na Real República Corsários das Ilhas, a cuja tripulação venho pertencendo desde 1961 (em outubro ascendi a 2º telegrafista), a passagem de ano foi, para mim, pavorosamente triste! De resto, nunca fui de grandes expansões nessas horas que a tradição instituiu como marcos de viragem não se sabe bem de quê. Alheio ao natural estardalhaço dos meus camaradas co-repúblicos, bem comidos e muito mais bem bebidos, encafuei-me no meu cantinho a ruminar. É que 1964 vai ser o ano em que vou dizer adeus à vida de estudante (para sempre? ¾ e ela agora que me estava correndo tão bem: no terceiro ano sem nenhuma cadeira atrasada, mas é sempre assim). Isto porque já no próximo dia vinte e sete do corrente, numa segunda-feira logo de manhã, vou iniciar em Mafra o Curso de Oficiais Milicianos, com destino marcado para a guerra colonial. Consta da guia de marcha que recebi há dias, não esse destino, mas outro que vai de certeza desembocar naquele. Por isso, logo ao bater da primeira badalada da meia-noite no relógio da torre da Universidade, senti que me estava afundando em terreno pouco firme e lodoso. Cheguei da Ilha em finais de setembro com uma mala na mão e sem dinheiro com que mandar cantar um cego, quanto mais para continuar os estudos. Havia justamente perdido a bolsa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada ¾ novecentos escudos mensais, mas que me davam, resvés, para me ir sustentando em Coimbra. E perdi-a, não porque chumbasse, mas por não ter atingido a nota final de catorze valores, classificação exigida a partir do segundo ano até o final do curso para a manutenção da referida bolsa. Podia ter pedido dinheiro emprestado, a juro de dez por cento, como é costume lá na minha freguesia, mas meu Pai zangou-se comigo devido a um namoro reatado que ele não queria, derriço que, uma semana após a minha chegada a Coimbra, se desmanchou na secura de meia dúzia de linhas de uma carta, que me acompanha, na carteira, dobrada em quatro, as dobras delidas e enferrujadas... Por tal motivo, negou-se a ser minha fiança. Perdi a cabeça e pedi que me antecipssem

² <https://corsarios.wordpress.com/blogue/benvind/o-q-e/>

a incorporação! Veja-se o paradoxo: em tempo de guerra ser meio voluntário, eu que, se tivesse coragem e juízo, devia mas era desertar daqui para fora. Na Ilha não queria ficar. Minha tia Lurdes e o Ti José da Costa deram-me coragem e o dinheiro para a passagem de barco e ainda mais algum para me ir tentando. Cheguei à República e logo pus os meus companheiros ao par da minha situação. Houve reunião de casa à noite e ficou decidido, por unanimidade, que eu ficaria lá na mesma com todas as prerrogativas de um Corsário e só pagaria as minhas despesas, que seriam apontadas pelo Comissário de Bordo da Nau Corsária, quando recebesse os primeiros ordenados de aspirante. Eram apenas quatro meses que ficaria a dever, de outubro a janeiro, que orçariam em cerca de três contos de réis. Depois, quando viesse de Maфра passar os fins de semana, andaria à lebre, como se diz em linguagem académica. Suspirei de alívio e comovi-me com tamanho companheirismo de que poucos como os ilhéus, fora das Ilhas, são capazes.

Por não conseguir perceber bem os motivos que levam um gajo a querer meter-se na guerra... terei que reconhecer que às vezes só se dá pelo erro depois de se ter dado o passo inexorável da tomada de decisão e conseqüente prisão às amarras que daí decorrem... nos tempos atuais, em boa consciência, eu, o corsário que escreve estas linhas, teria que manifestar, a um colega que se me aparecesse com o mesmo dilema existencial que fosse pedir telha e comida ao Exército para o qual fosse servir... Mas, excetuando este detalhe que se prende com a valoração do mundo e com a justeza, ou não das coisas, o texto retrata aquilo que os Corsários têm melhor sabido fazer, não deixar um irmão na mó de baixo.

Termino citando os versos de Camões apostos numa das paredes da sala de refeições da Casa:

“Mais vale experimentá-lo que julgá-lo, mas julgue-o quem não puder experimentá-lo”

Dito isto à laia de introdução tenho uma **declaração de interesse pessoal** a fazer: sou amigo incondicional do autor e Cristóvão de Aguiar foi meu mentor de literatura açoriana na sua casa do Pico onde me recebeu, a mim e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de uma amizade recente surgida em colóquios da lusofonia.

Durante os primeiros tempos da nossa amizade cavaqueei longamente com o escritor Cristóvão de Aguiar. Ambos, éramos e permanecemos, exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Com ele aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carreavam, muitas vezes, sem o saberem.

Escrevi (e adiante assim o citarei logamente) em ***Crónica Açores: uma circum-navegação*** (2º volume da Editora Calendário de Letras, 2011)

O mal da descoberta da escrita açoriana para um leitor neófito é ser um vírus altamente contagioso. Foi o que me adveio ao ler Dias de Melo. Exagerei mesmo numa mesa-redonda na RTP-Açores (março 2009) ao afirmar que merecia ser mais conhecido que Hermann Melville, o da baleia Moby Dick, ao que Cristóvão retorquira ser uma hipérbole.

A propósito do mesmo assunto esclareceria Cristóvão:

Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os Colóquios [da Lusofonia] tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da Relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Uma sou eu, agora diga o compadre quem será a outra... Já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal União, de Angra, que O meu Mundo não é deste Reino, de João de Melo, era superior ao Mau tempo no Canal e melhor que o Apocalipse de São João (Vide: Relação de Bordo I, pp. 297 a 301 (10 de junho de 1983). Francamente... Assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. Chamei um dia a este complexo de superioridade "A Insular Bazófia". Haja juizinho...

Numa fase seguinte, entre muitos escritores locais que fui lendo, voltei-me para a obra deste autor. Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e sorve o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão daquilo que lhe está subjacente. Embrenhei-me noutros escritores que fui desbravando.

Ao longo destes onze anos falei e escutei a maior parte dos autores (e, entretanto, três já nos deixaram **Fernando Aires, Daniel de Sá, José Dias de Melo**). Com eles aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carregaram, muitas vezes, sem o saberem. O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcandorar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago. Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje. Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a atual série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, com uma seleção dos mais consagrados, uma coletânea de textos

dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como ainda é a sociedade açoriana. Todas estas obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se conseguir propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos.

Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e clagues, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da recensão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de quantidade. Na maioria, sem projeção para além destas ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar, entre as centenas de autores, aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas a mais autores e autoras à medida que os fomos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga.

Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria da Capela, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

Eu não mentia ao escrever o que escrevi sobre autores como Cristóvão de Aguiar. Tudo o que saía era sentido e vivido. Cristóvão de Aguiar fora lisonjeiro ao dizer-me que também Torga nunca mentira ao escrever poesia. Havia tão-só a origem transmontana comum pois nem eu era Torga, nem exprimia senão sentimentos reprimidos. Após meses de silêncio exercitava a pena de croniqueiro com a verve de jornalista que nunca deixara de ser. Era isto o que a escrita de Cristóvão, lentamente descortinada além das brumas, me proporcionava. Para Cristóvão nunca seria catarse mas fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a expiação constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, nem tampouco tiros.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em

epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digote: Senhor, non sum dignus! De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março/abril do corrente (2009). Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas espero desvenencilhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário [Girão dos Santos] com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato. Um forte abraço do Cristóvão.

Ao que respondi:

Cheguei agora dos Moinhos, a minha praia favorita entre as parcas e negras nesgas de areia da ilha. Pópulo e Milícias desgostam pelos nomes pejados de falsa democracia malcheirosa. [Perdão, que alguém ao ler estas linhas (ora que o governo guarda as mensagens eletrónicas nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que, como esquerdista declarado, não perfilha de amor pela democracia]. Mentiria se não o afirmasse, só que a versão à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades dela, grande como a australiana e de países desse tamanho...

No verão Quente do meu descontentamento, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, depois de encaminhar livros e teorias aos aprendizes de feiticeiro da Fretilin. No entanto, vivi monárquico até à entrada na Uni, antes de me manifestar contra a guerra colonial e organizar convívios com Zeca Afonso, Mário Viegas, Manuel Freire e outros...hoje estou um descolorado político. Só em maio de 2010 tornei a falar com Manuel Freire e disse-lhe

³*“O meu amigo deve ter sido deveras importante, só assim explico ainda me lembrar de o ter contratado a atuar num Convívio de Economia no Palácio de Cristal em 31 de maio de 1969. Ele riu-se e retrucou “onde isso vai...”*

³ na apresentação de “A Grande Ilha Fechada” de Daniel de Sá na livraria Bertrand Parque Atlântico.

Tinha razão Adriano Moreira em Bragança 2008 num dos nossos colóquios quando me disse que sou um poeta. Antes isso que pateta. Ateu numa espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século XIX. Uma contradição perfeita totalmente coerente.

Caro Cristóvão

“Nunca digas que é demais”. Nunca o será enquanto escrever o que penso e sinto. Não será minha a culpa de os açorianos serem uns nabos iletrados que não te apreciam, nem tampouco me culpes por serem como os portugueses. Limito-me, dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios da lusofonia, a fazer o que as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito. Não sou membro efetivo da FLA nem nutro sonhos políticos, aqui ou em qualquer torrão terreno. Escrevo o que penso e sinto. Sempre o fiz, o que valeu suspensões sem conta na Lusa e no jornal Público que ajudei a nascer. Deixa-nos ser (Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica. Descansa em vida. Este não é o ano da tua morte mas do renascimento como Pessoa que Grande Escritor já o és sem o saberes. Há muito. Abraço, Chrys

Ao contrário de Cristóvão que já deu de caras com um leitor seu em flagrante delito num banco de jardim em Coimbra, nunca deparei com alguém que me lesse. Nem sabia como reagiria! Talvez fosse a correr, com a sofreguidão de um puto excitado, oferecer um autógrafo...Sinto que todos me leem por obrigação e nenhum por devoção. Seria, decerto, por ter escrito meia dúzia de livros e serem específicos os seus temas. Se bem que tal encontro de terceiro grau não se tivesse verificado (à data), recebi, em tempos, a crítica literária e a recensão da Rosário [Girão dos Santos] que escalpelizou os escritos descobrindo coisas que eu como autor lá plantara e germinara em flores por mim ignotas. Ficara comovido, quase perturbado, a seca lágrima furtiva ao canto do olho a escapar-se sob os holofotes. Prontamente lhe agradeci tão imerecida exegese. Sentira-me desfolhado sem abrigo nem resguardo, inadequado e sofrido como nunca. Estes amigos e escritores estão a despertar em mim o bichinho larvar que se aminhoca nos dedos, no teclado e começa a sugar as energias, espontâneas como as plantas daninhas no quintal.

Assim lhes agradecera:

Caros amigos Rosário e Manuel:

Estou há dias, estupebruto e despalavrado. Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse. Nunca pretendi mais do que partilhar Mundividências e Mundivivências, conhecimentos, avulsos e a granel, armazenados no grande celeiro da memória. Que tivessem utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos filhos por esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais a dizer ou a acrescentar que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Orgulho-me do livro mas não me acho nem metade do que lá me abona. Quis narrar o ambiente em que cresci e vivi e dá-lo a

partilhar aos outros com a visão crítica do mundo que me rodeia. Não quis partir sem deixar essa herança publicada. Rosário Girão, bem-haja por me ter encontrado, Chrys

Dei por mim a sorrir, facto inusitado. Deveras inopinado. Por outro lado, á medida que ia lendo Cristóvão, encontrei tanto sofrimento na sua escrita que me apetecia cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as velhas penas. Tanto amor insofrido, que a *Relação de Bordo* acaba por ser a mais longa carta de amor jamais vista. Nem o *Mau Tempo no Canal* [Vitorino Nemésio] dedicado a *Margarida Clarck Dulmo* se equipara.

Embora saibamos que o Cristóvão detesta comparações a sua veia nemesiana foi destilada em 938 páginas. Haveria logo quem dissesse, que estopada de amor. Doentio. Ou talvez não. Sensibilidades, personalidades e escritas distintas, como os autores. Com o Cristóvão estou sempre mais à vontade, somos ambos “brutos” e dizemos o que pensamos e sentimos sem olharmos consequências.

Durante 45 anos sofri, calado, ou nem tanto. Escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas. Jamais fiz a catarse da guerra colonial e daí ter-me tornado australiano. Jamais perdoei ao país o esquecimento e a ingratidão que viria a constatar já na terceira idade. Usaram-me como carne para canhão, destruíram-me os sonhos, planos de vida e a inocência. Meteram-me uma arma nas mãos e disseram-me vai matar como alferes de infantaria. Posteriormente fui reclassificado para Secretariado. Felizmente em Timor não tive de matar nem ser morto. Mataram-me de outros modos e formas. Mas a minha alma nunca deixou de sangrar e as feridas desse tempo nunca sararam, pústulas abertas para que eu lidasse com elas como podia. Sem apoios nem psicólogos. Ainda hoje posso ler no meu livro mágoas antigas e feridas por sarar. Gostava de as apreciar na sua forma final. Era quase uma libertação, o monstro saíra da sua jaula sem grades, da sua prisão sem carcereiros. Como quem escapa da longa escuridão da noite, do silêncio, do sofrimento e se depara com o sol brilhante. Ofuscado. Como quem se liberta. Só quem viveu agrilhado sabe descrever esse sentimento.

Abateu-se nessa tarde já longínqua de 2008 ou 2009 uma chuva miudinha, de molha-tolos e molha-todos, o habitual cacimbo micalense acompanhado de súbito nevoeiro. Estava no Aquaparque da Vila Franca. O aguaceiro constrangerá a *Relação de Bordo II* de Cristóvão de Aguiar que há horas lia ininterruptamente. Nigel, o filho benjamim, a “mãe” (mulher, esposa, cônjuge, a que insistia em chamar mãe porque era amiga, amante, companheira, mãe e tudo o mais que era preciso para o manter vivo), a filha mais velha e a neta, vieram agasalhar-se sob o toldo do para-sol.

No 9º colóquio da lusofonia (ou 4º Encontro Açoriano da Lusofonia em abril 2009), **Cristóvão de Aguiar** rejeitou (mais uma vez) o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona.

«O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Este meu processo de aprendizagem da literatura açoriana tem sido lento se bem que recheado de surpresas inolvidáveis. **Cristóvão de Aguiar** é um autor favorito meu apesar de ser – para muitos - um escritor incómodo na rota do inconformismo. Não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entretive a negar: a existência da literatura açoriana. Embora padeça da falta de confiança típica dos grandes escritores domina a língua como poucos e jamais se dá por satisfeito ao burilar, no basalto da sua ilha adotiva do Pico, as letras com que nos entretém. Exigente consigo e com os outros, com fama de inabalável, não se limita a ser controverso.

Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Igualmente consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra em São Miguel, onde nasceu, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica. A fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor, apenas dinheiro e bens materiais.

Ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

“São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pessorrências de má memória. ... Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes, foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfastiado de tanta aridez fermentada e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.”

Cristóvão é um permanente “Passageiro em Trânsito”, título do seu mais benquisto livro. É a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. As longas narrativas mais se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem, com grandes planos, zooms, e

paragens detalhadas nos rostos, delongando-se nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara escalpeliza a alma daqueles que filma com as suas palavras, aceradas como o vento mata-vacas que sopra do nordeste. Psicanalisou as gentes e a terra que o viram nascer mas adotou o Pico como nova ilha mátria em 1996:

"A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxçada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo."

Cristóvão de Aguiar, já o disse, não é um autor fácil nem facilita, exige quase tanto dos seus leitores como de si mesmo. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem destas ilhas, tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas mas que se encontra na Relação de Bordo I. Este era o autor que então eu descobria como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou *compagnons de route à la Jack Kérouac* na Route 66, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel onde escrevo. Verdade seja que ando imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido às escuras fora do ventre materno.

Quando aprecio a obra dum autor nunca sei como fazê-lo. Nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão e habilitações, que estudos em Humanidades não tivera nem meus pais me deixaram. Pressagiei cordões umbilicais curiosos. Encontrava neste amigo novo um escritor (ou encontrara um escritor que era um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim. É um ser acossado por tudo e por todos, sobretudo por si mesmo.

Para Cristóvão a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

Como diz (Relação de Bordo II pp. 199-200)

Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que connosco carregámos...

Sou como sou e a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao pai. Continentes diferentes mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos, separados por nove anos de idade, percorrendo as savanas e as estepes do

sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos e netos/as em buscas incessantes pelo Santo Graal. Desconfiei sempre que não existia, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Como tradutor, senti uma síndrome de Estocolmo, ficara cativo e apaixonado pelos captivos. Teria de me libertar da poção mágica que ingerira na escrita doutrem. Daí nasceu "Crónica Açores: uma circum-navegação". Este é o efeito avassalador que os autores açorianos inculcam nos que aqui não nasceram. Cristóvão e outros acordaram um vulcão adormecido que na sua assinatura eletrónica assinalava que a escrita nos Açores era piroclástica. Todos conhecem o perigo dos vulcões endormidos. Tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava "pahoe-hoe" (pron. pah hoi hoi) de aparência viscosa mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava "A α" (ah ah), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas e empurradas. Aqui nada é impelido embora se assemelhe na descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes que é o piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela, quase sempre, a existência de *vesículas* disseminadas na rocha e de tal modo estanques, que a penedia pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no imaginário. Ela instigara-me a escrever esta lamentação com o frémito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente os Açores. Essa é a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...Para que ilha desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente da tarefa hercúlea de carregar a ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas. É ele o lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea e é tarefa dos Colóquios da Lusofonia torná-lo mais benquisto e conhecido no mundo inteiro.

Desde o 12º colóquio da lusofonia que me debatia com uma crise existencial de falta de tempo e de inspiração. O verde das pastagens e das vacas não chegava e o clima cinzento em prelúdio de inverno afastavam as musas que me alimentam. Duas conferências internacionais a que fui (outº/nov. 2009) na Universidade dos Açores prometiam.

Uma delas foi um desapontamento que causa motivos para meditação. A Convergência de Afetos organizada pela Direção Regional das Comunidades tinha mais de 80 convidados de todo o mundo, metade da diáspora, com oferta de viagens de avião, alojamento e refeições, coisa para uma centena de milhares de euros. Os ilustres estiveram reunidos na Aula Magna (poucos, bem poucos) fazendo as suas comunicações, sem tempo para debate ou conclusões. Se o objetivo era para se encontrarem e se conhecerem resultou, caso contrário não dava para mais. Uma função profilática familiar ou mais uma reunião de claque e de cliques? De elites não era. Ouviram-se laudas, palmadas nas costas e encómios bajuladores aos pretensos líderes mentais da inteligentzia açoriana. São sempre os mesmos, dizia-lhe uma voz oculta. A mesma quadrilha que viaja à custa do Estado sem nada fazer que justifique tais mordomias. Foram nomeados dezenas de autores açorianos.

Como sempre, entre dezenas de oradores nem um só falou de Cristóvão de Aguiar. Podia ser uma coincidência, mas dessas deve o autor andar farto há cinquenta anos. Ficara chocado. Já me tinham alertado para o branqueamento dos nomes incómodos. Houve autores, desmerecendo tal epíteto, convidados a falar durante vinte dolorosos minutos, pois a produção é mínima e o valor das parcas linhas é de tal forma redutor e medíocre que nem uma nota de rodapé mereceriam. Não adianta citar nomes pois são sempre os mesmos. Não se percebe porque me chamaram a estar presente e silente, talvez fosse um desafio para me integrar no seu seio e fazer parte da “pandilha”. Não estou nem farei. Prossegurei no rumo que tenho dado aos colóquios, criando o curso de Estudos Açorianos na Universidade do Minho, publicando os Cadernos de Estudos Açorianos e as várias antologias e traduções de que tanto nos orgulhamos.

Uma conferência destas fica sempre bem no relatório anual de qualquer direção geral. Pensara em não escrever esta lamúria por este desperdício de meios com vista a fim nenhum, pois arrisco-me a não receber apoios futuros mas não seria agora que ia calar o que sinto. A memória seletiva dos que apadrinham as painelhas culturais permite a perpetuação da clique. Escrevi-o então e hoje aqui o reitero

Passando ao segundo evento, então organizado pela Universidade dos Açores, denominado “Mundividência da Açorianidade” também reuniu dezenas de pessoas, alguns expatriados, na sua maior parte artistas (pintores, escultores) além de historiadores, filósofos e escritores. Neste encontro tive direito a 15 minutos de voz e usei-os com toda a veemência das minhas crenças sem deixar de falar extensamente sobre Cristóvão de Aguiar. Conheci alguns participantes com interesse para futuros colóquios e o debate foi aceso com várias vozes discordantes por entre a manada

submissa dos que seguem a via única do pensamento oficial. Uma rica experiência que permitiu intercâmbios e trocas de ideias e de projetos.

Cristóvão de Aguiar insurgia-se frequentemente ao ler algo com que discordava. Tal ocorrera com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera assim:

Não há nem nunca houve língua açoriana. Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micaelense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas. Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram no Continente ou caíram em desuso. Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos. Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá. No fundo, o falar castiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira. Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não! Dou um exemplo de palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico. Em S. Miguel, e não sei se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame: Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo... Aferventar é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confeccionar há muito, sobretudo em Lisboa, de onde têm saído grandes desgraças para a Língua Portuguesa...

Era disto que eu gostava, da esgrima palavrosa entre seres inteligentes. Quem sabe se não teria saudades das Conferências do Casino (onde pontificou Antero de Quental) e que tanto o marcaram nos seus verdes anos.

Noutro qualquer dia escrevia eu que hoje mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu castelo aqui nesta falsa⁴ na Lomba da Maia onde habito. O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda. Está um tempo *caramonico*, como dizem em Terras de Miranda, sem necessidade de *escarrabunhar* os pés por estarem *carraspudos*. Sinto a falta do sol que me anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas. Era assim que desabafava mutuamente numa guerrilha verbal contra esta falta da função clorofilina que cerceia as musas e embota mentes.

E era então que me contrapunha Cristóvão de Aguiar “*O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente*”.

Otimista acredito que melhores dias virão. Concentro-me numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que pensa terminar durante o curto passeio terreno que lhe deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umas maiores que outras. Assim repito para crer no que digo. O tempo as curará retirando-lhes o relevo e importância ou resolvendo-as.

⁴ sótão

Os momentos incomuns de felicidade e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados.

Para isso sirvo-me da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam trejeitos, esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios.

Fazia tempo que despedaçara a memória dos que ensombraram a existência. Usara a destruidora de recordações como quem tritura papéis confidenciais. Dificilmente reconstruídos.

Terrível mas não traumatizante. Esta cena viera agora à mente a propósito da frase **“A lógica pura arruína a vida do espírito”** como dizia *Saint Exupéry*. Na altura não se pensava muito nisso. Também nem sempre apreciavam o seu humor cáustico, a sua palavra crítica e certa, politicamente incorreta. Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (*brutos*) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação. O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor. O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados, as mentes cravejadas de preocupações e dores.

Como afirmava Nietzsche, *“festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas”*. Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façam uma festa, proclamo eu despedindo-me deste capítulo com uma baforada tabágica.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico.

Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que, como ele, ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem.

A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram em terras da estranja. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a

açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raramente extrapolam os cantos do arquipélago porque falar dos Açores ainda não é moda na grande capital do Império.

Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que da leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “*a minha festa é maior que a tua*”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo. Os Açores não são senão uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tamanho gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

Eu recebera “*avisos amigos*” para tais perigos quando o convidei a estar na Lagoa (março/abril 2009) para o 9º colóquio (4º encontro açoriano da lusofonia). Congratulome que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Eu carecia de aprender mais com esta insondável personagem que tantos cuidados incutia aos arautos e defensores da paz podre açoriana. Como acumulara milhas, no cartão de viandante frequente, aceitara a sua hospitalidade em agosto de 2009. Uns curtos dias no Pico que Cristóvão assumira como pátria segunda. Muitos dias após deixar a ilha mágica ainda reverberavam os seus encantos.

Depois de aterra, levantei a viatura de aluguer no aeroporto, depois de ter tomado um café indistinto no bar local, tão pachorrento quanto as vacas picoenses, enquanto se ajustava ao calor e humidade. Meti-me a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de nove quilómetros...Apesar de apenas ter estado por duas vezes na ilha senti ser esta uma velha conhecida. De tal forma me sentia em casa que o mapa continuou guardado no porta-luvas na pasta dos documentos.

Almoçamos no Clube Naval de São Roque com um bom serviço de “*buffet*” ao módico preço de sete euros com café incluído. Já então o Cristóvão de Aguiar se tinha proclamado guia oficial dos forasteiros levando-nos às Lajes do Pico onde se celebrava mais uma “*Semana dos Baleeiros*” que ocorre normalmente após a “*Semana do Mar*” na Horta.

Tive de mudar a opinião sobre as Lajes (do Pico) logo que visitei o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro

de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas).

Havia lá uma moderna livraria, a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontrei inúmeros livros que comprei avidamente para acrescentar à coleção de autores açorianos. Para minha surpresa também estava lá o meu livro, curiosamente incluído na “literatura açoriana” ao contrário da classificação da Livraria Bertrand que o dispõe na secção de História.

Em amena cavaqueira disse ao Cristóvão que este tinha conseguido algo que eu almejava, encontrar uma pessoa que sem ser da família ou por cortesia e conveniência me lesse, tal como Cristóvão vira alguém a ler um livro seu num banco de jardim em Coimbra. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia, de sua graça, me declarou que tinha adquirido o livro “Crónicas Açores: uma circum-navegação” e estava a lê-lo em casa. Célere, aproveitei a oportunidade para lhe autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume da minha pretenciosa trilogia. Claro está que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, soalheiras e convidativas do que nas visitas anteriores.

Vi ainda a recém-acabada expansão do Museu instalado nas três casas originais de botes do séc. XIX. Este *Museu* dos Baleeiros é único na Europa. Além de expor interessante coleção de “scrimshaw” tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e uma “tenda de ferreiro” onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios metálicos usados na caça da baleia.

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a desedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia. Iríamos, seguidamente subir ao Alto da Rocha do Canto da Baía na Calheta de Nesquim, para visitar a tão badalada “Cabana do Pai Tomás” e satisfazer a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores ainda não conhecia a obra do autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde recentemente telhada pelo município local e hoje abandonada e sem utilidade, em vez de ser convertida em local de peregrinação. Notei mentalmente o desconforto de uma minúscula casa de banho exterior à casa, já no jardim e no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Daquele pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após estes dias de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava eu em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar o que afirmava sobre a literatura açoriana...

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias...Lemos outros açorianos espantosos de que ninguém fala como, por

exemplo, José Martins Garcia...(seria ele também maldito ou meramente incompreendido por ser controverso?)

O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, ao fim destes dias perante essa cátedra de conhecimentos enciclopédicos que era o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, tinha de fazer uma autocrítica. Embandeirara em arco no meu entusiasmo inicial de aprendiz de letras açorianas, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos píncaros os escritores açorianos que lera, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio.

Gostava pessoalmente de alguns de quem era amigo mas na verdade existiam muitos outros autores para desvendar

Das dezenas de autores, compendiados, lidos e folheados, a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo eu um forasteiro deixara-me iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e de seus costumes ancestrais. Embalara-me no canto das suas sereias. Teria de ser mais parcioso nos encómios sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana.

Faltava traduzir Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra e também isso fizemos no seio dos Colóquios, existindo já uma versão em italiano de O Passageiro em transito, além de vários excertos já traduzidos em várias línguas.

Em Bragança no 8º Colóquio iniciámos uma campanha para o traduzir (na Bulgária, Roménia, Polónia, Eslovénia). No Brasil tentaria quem o quisesse editar. Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar no 5º Encontro da Lusofonia, edições de "Tabuada do Tempo" e de "Torga Lavrador das Letras" do Cristóvão de Aguiar. A Almedina deveria editar no Brasil estes e outros livros pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo. Infelizmente estes sonhos não se viriam a realizar no Brasil mas teriam outro destino bem melhor no que toca a traduções como adiante se verá.

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão que as conhecia e não queria visitar de novo (ficou no ar condicionado da receção à espera), descí às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem na Gruta das Torres o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco.

Durante a visita, constatara o projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes. Graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a Fundação Mies van der Rohe de Barcelona, "European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007".

Faltara-me ver duas coisas, e uma delas não a consegui encontrar, apesar de ter repetidamente pedido indicações aos locais: a Furna de Frei Matias.

Andara em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, seguira as placas indicativas e as orientações mas faltou encontrar uma placa azul que seria o “Abre-te Sésamo” para o levar ao local que todos garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdicara doutras atividades para fazer mais uma tentativa mas apenas consumira gasolina e anidrido carbónico sem resultados.

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses, foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Tinha de aproveitar a disponibilidade daquele mestre e a sua enorme bagagem de conhecimentos detalhados sobre autores e obras. Ele fora um mentor incansável nesses dias. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. JC admitia “*mea culpa*”. Talvez não existisse “*literatura açoriana*” *per se* mas sim uma literatura de matriz açoriana.

Muito descobrira naqueles dias com essa enciclopédia devoradora de conhecimentos e de livros que é o escritor Cristóvão de Aguiar, convidado especial do 9º colóquio (4º Encontro Açoriano na Lagoa em 2009) e do 8º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança nesse mesmo ano. Espera-se que possa ajudar com tão vastos conhecimentos para que a cadeira de Estudos Açorianos criada pelos Colóquios e pela Rosário Girão, na Universidade do Minho, sejam um sucesso.

Não ficaria bem numa crónica deste género acrescentar algo mais que não fossem pequenas notas de viagem como a seguir se explicitam reiterando que as gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitaram.

Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam.

Eu já o disse antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo.

A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho, que tudo sabe, caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha. As rotas do amor não conhecem outros vulcões.

Mas são também esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar caráter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que as mesmas estão à venda. Eram os célebres anúncios, em cartões ou meras folhas A4 com adesivo, indicando um número de telemóvel, por vezes acompanhada da meiga mensagem “Procuro novo dono” como se de um animal doméstico se tratasse.

Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder, inventaram uma nova modalidade comercial **“TROCO POR EUROS”**. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida. Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”.

Ao chegar a casa do autor e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente um último café por ser o último que ali tomava. Andados uns passos rumo à casa do escritor deparara com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo de nova semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltaria para alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo). Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que me atrai e me faz querer viver naquele vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um psiquiatra ou especialista em coisas do foro amoroso para se tratar desta sua eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

Estas são as imagens que guardo deste autor que tanto aprecio e que ontem foi totalmente ignorado pelos habitantes da ilha e em especial de Ponta Delgada. Está provado que Cristóvão de Aguiar não dá votos a ganhar. Ainda bem.

E termino com esta palavras que lhe dediquei em 2013

644. Ao Cristóvão, Pico, 9 ago 2011/13 out 2013

descobriram no pico
marroços milenares
piramidais construções

galerias ocultas
sem múmias nem tesouros
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses
gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
com vista para s. roque
é a universal biblioteca
da nova alexandria

é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
debatem e trocam impressões
dão conselhos e admoestações
referem prodigiosas citações
partilham bailhos e saber
da universidade da açorianidade

